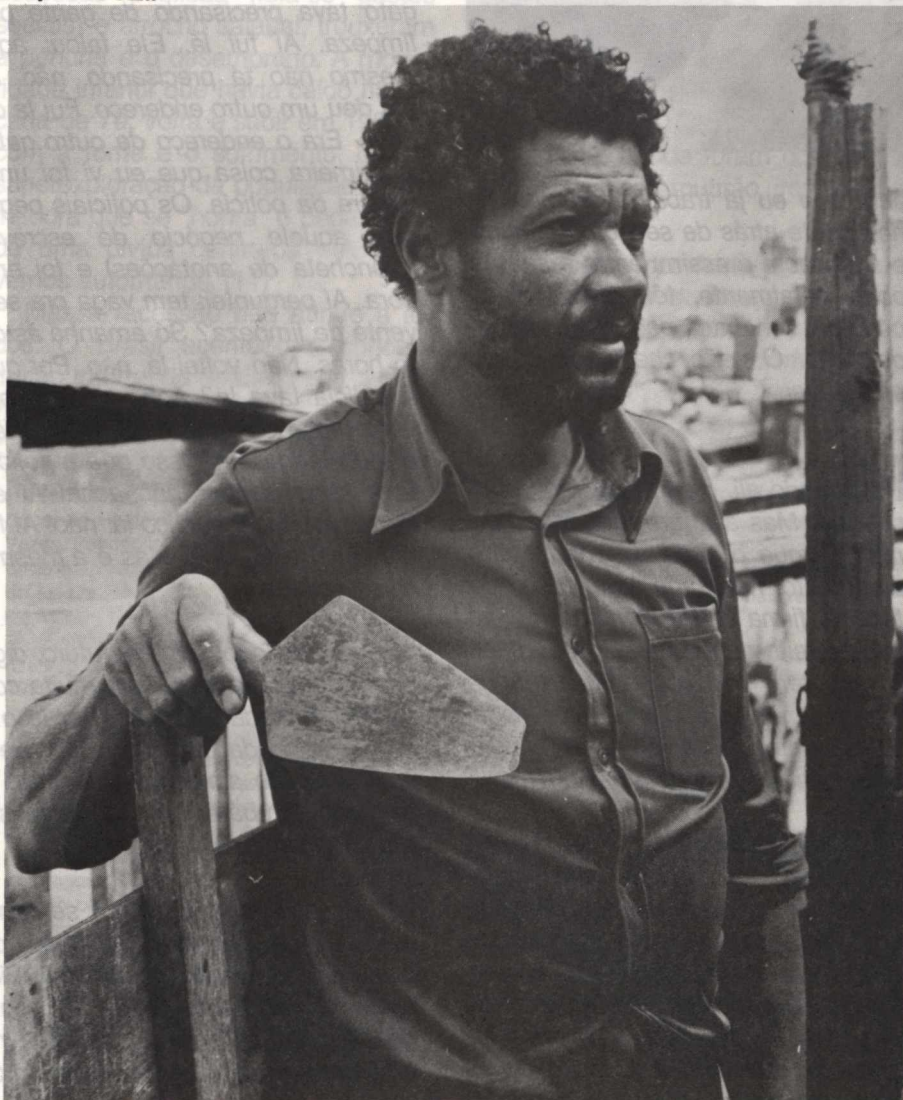


PALAVRA DO MIGRANTE

“Digo pro senhor, vida de peão não tem futuro”

Arquivo do CEM



(Depoimento de Patrício Carvalho,
47 anos, operário da construção civil,
casado, 4 filhos, mineiro de nascimento,
morador da favela Vila Unidos,
Zona Leste, São Paulo/SP - 23.04.88).

Sou nascido em Minas Gerais. Vim prá São Paulo em 1954, na época que morreu Getúlio Vargas. Me criei no interior do estado, perto do norte do Paraná. Tempo de muita fartura. Aqui prá São Paulo mesmo, prá capital, eu vim em 1970. Depois voltei prá Minas, e de lá vim de novo prá região de Ribeirão Preto. Mas aí já tava tudo muito fraco, não era mais como no começo. Não tinha mais fartura. A miséria já tava rondando a porta.

Trabalho na construção civil. Trabalhinho sem vergonha. Ganha mi-xaria. Lá na obra a gente encontra muito peão dormindo. Peão do norte, tudo nordestino e mineiro. Mora tudo na obra. Assim, não paga aluguel, não paga transporte. Mas é vida dura morar em obra. Quem trabalha em

obra é tudo nordestino, você pode procurar por aí que é tudo nordestino e mineiro. As obras já faz o barraco, o alojamento. É a primeira coisa que eles fazem. E aí eles coloca os peão migrante. Mas é muito ruim aquilo-lá, muito mau cheiro: lava louça, banheiro, comida - é tudo junto. Aquilo de quem precisa mesmo, de quem não tem outra condição.

Tem muitos que têm família, é casado. Deixou mulher e filhos lá no norte. Eles manda um dinheirinho prá família. Solteiro também manda. Mixaria que eles consegue economizar. Manda prá família. Tem deles que sustenta a família. Ela não tem outro ganho. Eles fica um tempo aqui, depois vão embora. Aí, com o tempo, volta de novo prá cá, vai de novo prá lá. Vida de peão. Tenho colegas que já foram e vieram um par de vezes. É igual aos peão que corta cana no interior. Também fiz essa vida, sei o que é. Trabalhei prá usineiro no interior de São Paulo. É aquela vida, que nem medicância: trabalha um tempo, vai pro norte, depois volta. E não pára de vir. Nunca mais pára. Quem começou, digo pro senhor, não pára. A situação lá é pior, aí tem que vir. E tem que ficar na obra, não tem alternativa, tem que ser na obra mesmo. Não sabe ler, não tem cultura, não tem estudo; tem que trabalhar na obra mesmo. Peão que vem do norte vai tudo prá obra.

Etem mais uma coisa: tenho conversado com alguns que diz que tem muita gente no norte com vontade de vim s'imbora prá São Paulo. Só não vêm porque não têm condições. Muitos vêm de carona mesmo. Mas não pára de vir. E não tem nem o lugarzinho de ficar. O jeito é ficar mesmo no barraco da obra. A obra é o primeiro lugar do peão que vem. Conheço muito que começou assim. E a maioria não sai disso, porque não tem instrução. E cada vez chega mais gente. Lá mesmo onde eu trabalho, chega gente toda semana pedindo serviço. Em toda



obra que eu já trabalhei, sempre tinha gente atrás de serviço. Ali, entra e sai. Pobre é assim: entra e sai. As obras, geralmente, têm muita placa pedindo servente, pedreiro, mestre-obras. O peão chega, dá dó do senhor ver.

Morando ali, o peão faz muita hora-extra. Mas a firma paga tudo normal. Porque o peão de obra é tudo analfabeto, não sabe os direitos que tem. A firma manda embora e não paga direito nenhum, peão não sabe o que tem a receber. Muito firma manda embora e nunca mais paga. Eu mesmo, saí de um serviço já faz dois meses. E até hoje nada.

É uma vida sofrida, a do peão da obra. Eles vêm tudo do norte: fugindo da seca, do aperreio. E chega aqui, é a classe mais sofrida que tem, mais desvalorizada que existe. Tenho muito conhecido que nem fala que mora na favela, é a classe mais atrasada que existe. E muito pior é morar na obra, aí então ninguém

gosta de falar, não! O peão trabalha só para comer, não trabalha para o futuro. Ninguém dá valor ao trabalho de construção civil. É que nem trabalho de limpeza. As firmas pega tudo peão nordestino que não conhece nada, e paga salário mínimo.

Não tem hora-extra, não tem nada. Ela aí (a esposa) trabalhou um ano dentro da Rhodia ganhando salário mínimo. E tem o gato. Ele rouba a parte dele e a parte do patrão. Na construção civil tem o gato, na limpeza também. O gato é que contrata, não é a firma. Não tem segurança nem garantia nenhuma. Peão acaba se lascando.

Essas pessoas não têm conhecimento dos direitos, é uma classe tudo atrasada. Nem é registrada. Muita gente não é registrado. Tempo atrás ouvi dizer que na NORDON o gato tava precisando de gente prá limpeza. Aí fui lá. Ele falou: aqui mesmo não tá precisando, não. Aí ele deu um outro endereço. Fui lá de novo. Era o endereço de outro gato. A primeira coisa que eu vi foi uma viatura da polícia. Os policiais pegaram aquele negócio de escrever (prancheta de anotações) e foi embora. Aí perguntei: tem vaga pra servente de limpeza? Só amanhã às oito horas. Não voltei lá, não. Por que a polícia tava lá? Acho que era prá ver a ficha dos peão. Prá eles, peão é tudo ladrão. Por isso que a polícia tava lá, o senhor não acha! Aí eu disse: vou fazer serviço lá, não. Aí fui prá construção civil. Mas é a mesma coisa: mixaria.

Vida de Peão não tem futuro, digo pro senhor, não tem. Tem muita coisa mal contada lá dentro. Por isso é que o dono da obra não quer nem ouvir falar de sindicato lá dentro. E os peão também não se interessa. Eles não sabe os direitos.

Tem obra que paga por semana, outras paga por mês. Tá cheio de cambalacho na construção civil. Pior ainda é nas empreiteiras. A gente não é registrado na firma, mas na empreiteira, com o gato. Não tem os mesmos direitos que os outros traba-

lhadores. Olha, uma pessoa me falou uma vez, e eu acho que é verdade, ela falou: sofrimento deixa a gente meio bobo. E é verdade. Peão de construção civil acaba ficando meio bobo. Pois olha, eles nem sabe que é melhor receber por semana, não por mês. Prá quem ganha pouco, vive dessa mixaria, tem que receber por semana, senão passa é fome. Do jeito que as coisa aumenta, a gente passa fome. Tem que receber é por semana. E eles nem sabe disso, peão de construção tá ficando bobo de tanto sofrimento. E não é só eu que acho isso, não; não é só eu.

A gente lá na obra não tem lugar prá esquentar a marmitta. Tem que levar o álcool de casa prá esquentar. a bóia, queima lata, como se diz por aí. Nem isso a firma não dá. Quem acaba ganhando mesmo é os gato. Começa pobre, e quando vê tá tudo com a vida arrumada. E nas costas de quem? O senhor sabe e eu também sei! Peão de obra vive trabalhando pros gato, pros outros. Nem mestre-de-obra não ganha bem. A gente que nasceu de família pobre tá sujeito a ser pobre a vida inteira. Trabalha sempre pros outro. Bem, tá dando prá comer. Não passa fome. Mas é só, não tem futuro.

Até no corte de cana dá prá ganhar um pouco mais. Depende da prática que o peão tem. Eu mesmo, ano retrasado, tava trabalhando lá, perto de onde eu tou agora. E aí, pedi a conta e fui pro corte da cana. Dá mais que trabalhar em obra. Eu já fui cinco vezes cortar cana depois que surgiu a crise em São Paulo, de 80 prá cá. A situação aqui apertou de tal maneira que não tive outra saída, tive que espirrar. Pedi a conta da obra e me mandei pro interior. Morava de aluguel em São Miguel Paulista. Não dava, fui pro interior, pro corte da cana.

Pois é, naquela época ainda eu pagava aluguel. Agora tou aqui na favela. Outra vez, eu trabalhava numa obra. Aí quiseram me transferir,



me mandaram pra onde o Judas perdeu as botas. Não dava, tinha que pegar quatro condução por dia. Fui de novo cortar cana. Depois, na volta de lá, ainda consegui entrar numa firma, no Cambuci. Firminha pequena, mas tava melhor. Não demorou muito. Alegria de pobre dura pouco, é o ditado. Fui mandado embora. Voltei prá construção civil.

Hoje, nesse novo serviço, dá prá ver como o salário baixou. Tá aqui na carteira pro senhor ver. Acho que o jeito vai ser a gente amarrar uma pedra no pescoço e se pinchar no meio do rio. Peão não tem outra saída, não acha! Quando eu tava na firma, ganhava 4,75 por hora, e a passagem de ônibus era 1,50. Quer dizer, uma hora de serviço dava prá pagar três passagens de ônibus, e ainda sobrava 25 centavos. Agora a coisa tá bem pior, quer ver: ganho 46,00 por hora, e a passagem é 30,00. Vê então, três passagens são 90,00, o do que ganho numa hora. Pelo preço daquele tempo, fazendo

a comparação, eu devia ganhar mais de 90,00 por hora. O senhor que é estudado faz as contas e vai ver que não tou contando vantagens. A situação piorou mesmo. E isso sem falar das outras coisas, só falando do transporte. Se fosse a ver a saúde, a alimentação, moradia, aí sim que a diferença ia ser ainda maior, eu acho.

Nos dias de hoje, se a gente puder comer feijão, arroz e farinha, tá muito bom. Muitos não têm nem isso. Agora eles inventaram esse tal de vale transporte: é mais uma maneira de enrolar o trabalhador. Principalmente na construção civil. É o trabalhador mais enrolado. Tique de leite, seguro-desemprego, vale-transporte - tudo coisa prá enrolar o peão. Se pagasse salário bom, não precisava nada disso. Pura esmola. E peão de construção é mais fácil de enganar, não tem conhecimento dos direitos, é tudo gente nordestina ignorante. Gente que vive comendo grama, o pão que o diabo amassou, que nem diz o povo. Eu conheço essa vida. Depois que sai daquela firma que falei, já trabalhei em quatro obras. Esta de agora é a quarta. Fazer o quê? Não tem outra saída. A gente trabalha somente prá poder ter o INPS. Prá trabalhar em obra e ficar rico, só se tiver alguma magia. Prá mim, o que vale é só a garantia do INPS.

Só sei que do jeito que a situação tá indo, o negócio tá bem alarmante, o fim da picada. O meu menino também trabalhava numa fábrica de brinquedo - Bandeirantes - e foi mandado embora. Não ganhou nada. Procurei advogado e parece que não vai dar em nada. E isso aí (a esposa fazendo acabamento em guarda-chuva, ganhando por produção) também é outra exploração. Fazer o quê? Ninguém sabe fazer dinheiro. Se a gente soubesse pegar o papel e fazer dinheiro! Mas ninguém sabe. Esse trabalho é muito ruim, mal pago. Precisa fazer uma dúzia de peça prá ganhar 80,00 e demora mais de um dia prá fazer uma dúzia. Ontem

mesmo a mulher fez uma dúzia e ficou com as mãos todas inchadas, o senhor pode ver. Mostra aí, olhe só, tá vendo! E quando a gente vai comprar um guarda-chuva, é um preço danado que não dá prá comprar. E não foi só um dia nem dois que eu saí prá trabalhar debaixo de chuva. Precisa muita hora de serviço dela prá gente conseguir comprar um guarda-chuva. Táí, é uma exploração danada. E tem gente, mulher, criança, fazendo isso. E outras coisas: chupeta, carrinho. O povo trabalha em casa, a firma fica livre deles. E ganha é muito.

Eu sempre achava que vindo prá

São Paulo ia ficar rico. Era o sonho, o povo todo falava. São Paulo tava na cabeça de todo mundo. Eu trabalhava na roça, vida sofrida, sem futuro e sem conforto, um lugar abandonado. Aí peguei e falei: vou prá São Paulo, logo-logo tou rico. E me mandei. Larguei aquela dureza e vim enfrentar outra vida.

Ilusão, pura ilusão. O primeiro serviço que peguei foi de cobrador de ônibus, serviço ruim, serviço de cachorro. Lá em Minas, no trabalho da roça, a gente não via dinheiro. Aqui tem o dinheiro, mas é aquela mixaria de sempre. Trabalho que

nem condenado, e tá tudo o mesmo. Num ponto, foi bom vim prá São Paulo: a gente sempre aprende alguma coisa. Mas em termos econômicos, não vi vantagem nenhuma, nunca tive quem me desse uma mão. Trabalhei de cobrador, bóia-fria no corte da cana, peão de obra - tudo serviço que não tem futuro, não ganha bem. A vantagem é que a gente acaba tendo conhecimento dos direitos que a gente tem. Foi bom neste sentido. Mas o resto, não teve vantagem, não senhor. Serviço foi sempre fraco, moradia nunca tive - peão em todo sentido. (São Paulo, 23 de abril de 1988, por Alfredo José Gonçalves)

SEJA UM COLABORADOR

"TRAVESSIA"

está aberta à publicação de artigos de pesquisadores e estudiosos que analisam a realidade em que o migrante está envolvido, a partir dos diferentes ramos do conhecimento: social, político, econômico, antropológico, jurídico, cultural, religioso, educacional, histórico, etc...

A Revista destina-se, fundamentalmente, a um público intermediário; quer ser uma ponte entre a produção acadêmica e a produção popular. Por isso exige clareza na explicitação, simplificação dos conceitos. Se for do seu interesse, pedimos que envie artigos para a redação.

O SÃO PAULO

Semanário da Arquidiocese de São Paulo

Desejo fazer uma assinatura do jornal O SÃO PAULO
Para isso estou enviando um Cheque Nominal em favor do Jornal O São Paulo, Avenida Higienópolis, 890 - São Paulo - CEP 01238.

Assinatura: Cz\$ 750,00 (semestral)
Cz\$ 1.500,00 (anual)

Nome

Endereço

Bairro

Cidade

CEP

Estado



**Assine O SÃO PAULO
e participe da caminhada do Povo de Deus**